



NOSSO FUTURO EM UM *POST*. CULTURA DA VELOCIDADE, *BIG DATA* E A NOVO DESAFIO DOS “PEIXES” PARA OS HISTORIADORES DA ERA DIGITAL

Ricardo M. Pimenta

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ricardo.pimenta@gmail.com

Resumo:

Na era do que convencionamos chamar de *Big Data*, o historiador contemporâneo enfrenta um desafio. Lidar com um volume e uma variedade de fontes que se apresentam em velocidade sem igual. O historiador digital precisa, portanto, exercer toda sua capacidade transdisciplinar no sentido de construir para si competências em informação capazes de auxiliá-lo no processo de produção do conhecimento que, de maneira transversal, tem sido intermediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Este artigo busca levantar uma reflexão breve sobre tal condição e suas possíveis implicações para a escrita da história na era digital.

Palavras-chave: História Digital, Teoria Crítica, Big Data, Era Digital.

Abstract:

In the era of what we call Big Data, the contemporary historian faces a challenge. Handle a volume and a variety of sources that come at an unmatched speed. The digital historian therefore needs to exercise all of his transdisciplinary capacity in order to construct for himself information skills capable of assisting him in the process of knowledge production that has been intermediately intermediated by the New Information and Communication Technologies (NICT). This article seeks to raise a brief reflection about this condition and its possible implications for the writing of history in the Digital Age.

Key-words: Digital History, Critical Theory, Big Data, Digital Age.

1. Introdução

É muito provável que o texto de Edward Hallet Carr (1996, p. 37) onde o autor assevera ao leitor que os fatos históricos estariam disponíveis como os “peixes na tábua de um peixeiro”, seja familiar para a maioria dos estudantes de história que tenham se formado nos últimos trinta ou quarenta anos. Carr aponta que assim como os “peixes”, os fatos históricos poderiam ser percebidos e compreendidos a partir do que, e como, o historiador construiria sua heurística com base nos documentos, nos registros de toda sorte; e que bastava a este saber escolhe-los e “cozinhá-los”, como o faria o peixeiro, da maneira como lhe conviesse melhor. Tal ilustração não poderia representar melhor o problema ao qual enfrentamos cotidianamente. O excesso de “peixes” para “tábuas” que já não os comportam e a insuficiência das “receitas gastronômicas” para preparar tanto em tão pouco tempo.

Na era do que convencionamos chamar de *Big Data*, o historiador contemporâneo enfrenta um desafio. Lidar com um volume e uma variedade de fontes que se apresentam em velocidade sem igual. O historiador digital precisa, portanto, exercitar toda sua capacidade transdisciplinar no sentido de construir para si competências em informação capazes de auxiliá-lo no processo de produção do conhecimento que, de maneira transversal, tem sido intermediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC).

Somente por este meio será possível minimamente articular-se sobre os aspectos singulares da velocidade, do excesso e da “dialética da perenidade” possíveis nas diversas formas de registro, mediação, representação e comunicação dos fenômenos humanos no atual cenário digital. Em tempo, para fins de esclarecimento, dizemos que a dialética da perenidade reside no fato de que apesar de Lipovetsky (2005), vivermos em uma sociedade do vazio (LIPOVETSKY, 2005), paradoxalmente, esta também é a sociedade da informação. James Gleick aponta que esquecer, antes sinal de falha ou de senilidade, é hoje tão importante quanto lembrar (GLEICK, 2011, p. 421).

Nesse contexto, retomando a afirmação de Samaran *apud* Le Goff onde não haveria “história sem documentos” (2003,p.529-530), seria possível sugerir que também o excesso inviabilizaria a história? Afinal, o que vêm a ser documento no atual horizonte infocomunicacional? Praticamente tudo desde *tweets*, *posts*, curtidas, *emoticons* e *hashtags*. Ambas evidências de expressões pessoais e coletivas, privadas e públicas, em perspectivas sociais, culturais e políticas.

Outrora insuficientes ou “grotescas” à luz da norma culta, hoje representam o antagonismo ao já popularmente conhecido “textão”. Ou seja, longos textos escritos na web,

principalmente nas redes sociais, já são vistos como algo não usual nestes “*web* espaços informacionais” (PIMENTA, 2016), entre outros espaços de sociabilidade da *internet*. Particularmente presenciamos uma miniaturização/abreviação das significações (VOLLI, 2012, p. 18) por significantes curtos, imagéticos, cada vez menores. Comunicar e informar tornaram-se ações que carecem de leveza e rapidez em um cenário de hipermobilidade digital marcada pela miniaturização e desmaterialização (LIPOVESTKY, 2016, pp.120-128) das estruturas informacionais. Quantos caracteres se gastam com um *hashtag* ou com um *tweet*? Certamente menos que expor seu ponto de vista por extensos parágrafos que, na velocidade da navegabilidade eletrônica, deixam de ser acompanhados e compartilhados por uma massa de leitores/visualizadores de informação.

Para esta massa de “visualizadores de informação”, saber sobre um assunto, sobre um fato histórico, ou sobre qualquer informação ordinária, resume-se em consultar os motores de busca dispostos na *internet*. O que sabemos sobre um determinado assunto ou tema é hoje cada vez mais construído a partir dos acessos às bases de dados e aos sítios eletrônicos via motores de busca. Com efeito, podemos afirmar que o processo de busca pela informação, seguido de seu acesso acelerou-se pela intermediação dos motores de busca. Intermediação, dizemos, pois os motores agem, portanto, na mediação entre o homem informacional/usuário/internauta e a informação por sua vez recuperável pelo referido motor de busca graças aos processos de indexação e classificação da informação e da meta-informação no espaço *web*.

Nesse âmbito, *grosso modo* o senso comum tem reconhecido os motores de busca como uma forma plena e suficiente de se obter acesso à informação sem, com isso, ponderar mais profundamente sobre o que se mantém de fora do rol de opções disponíveis. Há diversos motores de busca disponíveis na *world wide web*: *Google*, *Yahoo*, *Sapo*, *Bing* - antigo MSN -, *Ask*, entre outros. Mesmo o maior motor de busca da atualidade, o *Google* - que em 2005 indexava cerca de 68,2% da *web* - não possui condições de indexar todo o conteúdo da rede mundial (GULLI; SIGNORINI, 2005). Hoje o percentual de cobertura daquilo que está sob a “nuvem” do *google* é certamente maior. Com efeito, as diferentes tecnologias e recursos de convergência tornaram possível o intercruzamento de plataformas e de bancos de dados diversos.

Mas como isso afeta a nós historiadores, e como tais avanços tecnológicos podem influenciar tão profundamente o que escreveremos no futuro, sobre o passado? Estaríamos

fadados a uma espécie de subordinação à seleção do que é “interessante”, “curioso” ou mais “rentável”, através dos mecanismos de busca de sites como Google, Yahoo ou Bing? E o que não está lá? Precisaríamos requisitar “licença” a Mark Zuckerberg para o acesso a posts e demais conteúdos existentes nas redes sociais como o *facebook*? Ou precisaríamos desenvolver meios e técnicas para “raspar” estes dados, estes registros das tábuas deste “peixeiro” representante das grandes corporações do mundo digital? Seria esse o novo subterrâneo da história. Como acessamos? Desenvolvendo competências *dehors* daquelas próprias dos historiadores.

2. O desafio da competência em informação para o historiador em rumos de “digitalizar-se”

Allan Liu, afirma que “com uma ironia de Kafkaniana: eu fui dormir um dia um crítico cultural e acordei na manhã seguinte metamorfoseado em um processador de dados” (2004, p.4).

Do "crítico cultural" ao "processador de dados", é fato que este novo contexto de mudança vivida pelo pesquisador das humanidades *lato sensu* representa um novo “despertar” para um desafio razoavelmente difícil que se baseia no desenvolvimento de competências informacionais aplicadas às novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) por pesquisadores das humanidades.

Lidamos, portanto, com um elemento tecnológico que entrou substancialmente no campo das ciências humanas e sociais, alterando sua *doxa* e desafiando seus *nomos*. Houve uma “atomização” das fontes de pesquisa do historiador da era digital, mas tal potência ainda não é plenamente compreendida por muitos pesquisadores devido ao *gap* tecno-informacional ainda muito presente entre os pares da área de história. Uma vez resolvida tal deficiência, é notório o potencial de desenvolvimento contínuo não apenas de um pensamento crítico sobre o *status* da produção historiográfica no contexto *ciber*, como de atuação e produção de meios, ferramentas, e métodos de coleta, análise e processamento de dados extraídos dos “web espaços informacionais” (PIMENTA, 2016) e sua sequente representação do conhecimento entre os estudiosos brasileiros.

Este desenvolvimento de competências, ademais, figura o que consideramos ser uma faceta importante de nossa cultura digital. Uma cultura marcada pela atuação e expressão de uma *techné* marcadamente multimodal e pela práxis da convergência dos registros/escritas/produções existentes no espaço eletrônico onde a relação com a

representação do passado, enquanto prática informacional, é plenamente “atravessada” pelos suportes e plataformas mediadoras da informação, convidando-nos a refletir sobre nós mesmos e nossa relação com o tempo e espaço na era digital.

O digital tem se tornado muitas vezes em uma ferramenta que melhora as formas de fazer e conhecer — mais informações e armazenamento; acesso mais rápido e edição infinita. (...) Além disso, a busca, o preenchimento do desejo imediato, nos prende em um presente eterno. Não estamos apenas mais habituados a uma gratificação imediata, mas a recuperação de material é baseada em algoritmos que conectam nossos hábitos passados com de outros para prever desejos. Este presentismo, como Francois Hartog também apontou, se estende para política e economia. (TANAKA, 2016, p.21).¹

Futuro e passado nunca estiveram tão próximos um do outro. Sobrepõem-se pela intermediação tecnológica do digital, segundo Pimenta (2013a), em um “regime de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012) cuja memória, outrora alicerçada pelas dimensões políticas, sociais e culturais de suas representações, ganha interferência pelos aportes tecnológicos e econômicos com os quais as formas de transmissão (in)formam pelo espaço público digital em escala jamais imaginada.

Caminhamos em direção a um futuro onde o passado se torna mais presente através dos recursos tecnológicos e informacionais; de forma que a continuidade do percurso dependerá cada vez mais do controle dessa fronteira por nós mesmos. Ela é relacional, assim como é a constituição daquilo que reconhecemos como informação. (PIMENTA, 2013a, p.164).

Não obstante o regime informacional identificado, as formas de se produzir circularidade e capilaridade por meio dos canais informacionais contemporâneos são evidentes.

O instrumento informático pode permitir, conectado a outras novas técnicas de telecomunicação, a criação, a circulação e a estocagem de uma imensa massa de informações outrora monopolizadas, e em parte esterilizadas, por uma pequena elite de trabalhadores intelectuais. (LOJKINE, 1995, p.14-15).

É neste contexto argumentativo que a figura do homem ordinário, comum, e do espaço público ganham centralidade crítica. Em uma sociedade da informação como a atual, marcadamente exponencial no tocante à produção de registros, dados e informação, lidamos

¹Traduzido pelo autor de: *the digital has often become a tool that enhances existing ways of doing and knowing – more information and storage, faster access and endless editing. (...) Moreover, the search, the fulfilment of immediate desire, locks us in the forever present. We are not only more habituated toward immediate gratification, but the retrieval of material is based on algorithms that connect our past habits with that of others to predict desires. This presentism, as Francois Hartog has also pointed out, extends to politics and economics.*

hodiernamente com perfis e contas virtuais concernentes as nossas atividades sociais, políticas, culturais, sexuais e econômicas. Do *facebook* ao *ResearchGate*, passando pelo *Tinder*, pela *Amazon* ou até mesmo o *Avaaz*, todas plataformas com fins muito diferentes, mas que produzem ambos dados brutos (*raw data*) sobre nós e sobre nossas práticas cotidianas.

Da *internet* à *intranet*, por fora ou por dentro das redes sociais; intermediados pelos *smartphones*, *notebooks*, *smartwatchs*. A cada clique, a cada toque, compartilhamos informações. Por vezes estas mesmas compõem, estruturam, depoimentos, entrevistas, imagens, vídeos e documentos digitalizados. Em outros contextos apenas alimentam algoritmos com o intuito de produzir mais meta-dados e informação direcionada ora ao mercado, ora ao Estado².

O fato é que ao atuarmos na rede mundial de computadores, deixamos sempre “rastros” digitais. Mas quem arquiva esses rastros, essas fontes? Essa crescente produção de potenciais fontes de pesquisa para o historiador é sobretudo sintomática ao fenômeno da “explosão informacional” vivida. Ela extrapola os limites institucionais, governamentais ou elitistas no que tangia o monopólio da escrita e, principalmente, o monopólio dos meios de registro/preservação da informação. Em um cenário planetário marcado pelo “excesso de informação”, o questionamento de SivaVaidhyathan permanece tempestivo:

Estaremos nos afogando em dados, incapazes de distinguir o que é bom do que é ruim e de diferenciar o verdadeiro do falso? (...) Que ferramentas nos ajudam a lidar com essa abundância? (VAIDHYANATHAN, 2011, p. 191).

O excesso informacional transborda por nossas limitações cognitivas e físicas. Qual o limite? Nosso tempo de vida, de conexão ou de bateria dos nossos smartphones? Ao historiador digital, restaria o desenvolvimento de novas competências próprias da computação. Em casos cada vez mais frequentes cursos de verão ou inverno e workshops vem sendo continuamente realizados, e isso é mais perceptível no exterior, com o intuito de oferecer formação básica em programação para cientistas das humanidades.

Ainda sobre a questão do limite, muitos diriam que desafiá-lo parece dar sempre mais impulso à nossa existência. No caso aqui tratado caberia perguntar como seria possível se relacionar com a ideia de “limite” para o fenômeno da informação na era digital já que seu excesso é uma constatação clara de nossa “intolerância processual”. Fazendo menção à ilustração argumentativa que deu início a este artigo, diríamos que não é possível fazermos

²Verem Pimenta (2013b).

uso de todos os “peixes” dispostos na tábua, quanto mais os que sequer estão dispostos na mesma. Ou seja, não somos capazes de acessar, identificar, classificar, indexar e recuperar, portanto processar tamanho volume de dados e de informação. E é por isso que talvez nos interessemos tanto, nos seduzamos tanto, por ela: a informação e suas formas de mediação.

2.1.Vencer o *Maeslström* da era digital é render-se a ele

Afinal são por essas mesmas formas que construímos os meios de atuação junto às NTIC. É, com efeito, a partir de seu uso que acompanhamos o incrível avanço tecnológico e o crescimento, horizontal e vertical, dos canais informacionais e comunicacionais, juntamente com o desenvolvimento da dimensão pessoal, subjetiva e individualista dos atores sociais no espaço público que atualmente pode ser compreendido, com ressalvas pois ele não é público, mas privado, como aqueles das redes sociais e demais “*webespaços* informacionais” (PIMENTA, 2016) como *you tube*, flickr, blogs e *webpages* com seus fóruns e seções de comentários.

Que mundo, aliás está a nos “enxergar” ou, para usar um verbo mais apropriado, de origem hispânica, a nos *mirar*? Tornamo-nos alvos, objetos de um sistema que nos traduz em *bytes*. Somos desde o que compramos, adquirimos, vendemos, fazemos e dizemos, fontes de informação; produtores de dados para uma tecnoesfera capaz de nos vigiar em escalas atemporais.

Como nos interpretar em face do que fizemos, ou “curtimos”; como nos responder frente ao que demandamos em tempo real; e como nos sugerir e nos “convidar” de acordo com as tendências calculadas sobre nossos gostos ou necessidades futuras? Como, então, poderíamos escrever sobre nossa história contemporânea daqui a dez ou vinte anos? Seria conveniente lutar contra isso tudo? Seria possível? E no contrapé deste argumento, deveríamos nos render e, no *modus vivendi* da sedução proposta em Lipovetsky (2005, 2015), continuar a gozar, comprar e navegar? Resposta difícil, pois é fato que não há uma única saída claramente construída ao dilema aqui posto.

Este mesmo dilema nos remete ao conto de Edgar Allan Poe, “Descida ao *Maelström*”, de 1841. Nele o pescador norueguês de cabelos esbranquiçados pelo terror narra a um visitante das localidades de *Lofoten*, *Vurrgh* e *Moskoe* o fenômeno natural do *mäelstrom*, turbilhão, ocorrido no mar entre aquelas ilhas, e sua incrível experiência enquanto sobrevivente dessa terrível força.

Não vou esquecer nunca as sensações de medo, horror, e admiração pelo que pude olhar a minha volta. O barco parecia estar suspenso, como por mágica, a meio caminho para baixo, na superfície interior de um funil de enorme circunferência, prodigioso em profundidade, e cujos lados perfeitamente brunidos poderiam dar a ilusão de ébano, não fosse a estonteante rapidez de seu giro, e o vislumbre e pálida radiância que, como os raios da lua cheia, eram emitidos daquela fenda circular entre nuvens, da qual já falei, e que se espalhavam num fluxo de áurea beleza ao longo das paredes negras, e iam desfalecer lá longe, embaixo, no desvão mais íntimo do abismo. De início estava muito confuso para observar qualquer coisa com exatidão. Tudo o que eu podia ver era a geral explosão de terrificante esplendor. (POE, 1841, p.243).

O dilema do pescador norueguês parece ser uma metáfora adequada ao fato de que, como apontamos pouco acima, em muitos casos não parece ser plausível uma luta contra um sistema tecnopolítico e cultural planetário buscando de fato vencê-lo integralmente. É fato. Até o fim desse pretenso périplo, o tempo de nossa vida já teria cessado, juntamente com o de algumas de nossas gerações posteriores. Por outro lado, render-se totalmente ao que ao mesmo tempo nos atemoriza e seduz, não nos manteria em “alerta” à busca de mecanismos e estratégias de sobrevivência à força descomunal de tal fenômeno.

No conto de Poe o atento pescador se salva quando corajosamente decide pular do barco em meio ao turbilhão que os puxava para o fundo do mar. Mais leve, amarrado em um barril, o pescador assiste à sua embarcação, mais pesada, ser tragada e destruída. Perdido em uma região média do turbilhão, ele se salva quando o mesmo cessa sua atividade após alguns minutos.

A tecnologia infor-comunicacional do século XXI, e seu extenso e diverso mercado são produto e produtores dos fenômenos culturais, políticos e sociais cuja informação, a tecnologia, o conhecimento e seus desdobramentos comunicacionais estão implicados nos processos individuais e coletivos; públicos e privados; objetivos e subjetivos do homem contemporâneo.

Produzimos informação, nos divertimos e nos comunicamos tendo a mesma como início, meio e fim. Os regimes de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1987; 2012 e GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008) vigentes nada mais são que a constatação dessa “correnteza” que implacavelmente, amparada pelas forças centrífugas e centrípetas do “maelströmtecnocultural” em que vivemos, nos imprime velocidade, força e volume no tocante à forma como lidamos todos os dias com tecnosferainfor-comunicacional e o mundo por ela construído. Estaremos descendo vertiginosamente ao desconhecido ou à deriva em meio a tempestade aguardando que a sorte não nos abandone?

Partilhando das interrogações apresentadas, evidenciamos que um *maelström* muito familiar a todos que possuem as condições socioeconômicas mínimas para não estar à parte do mundo conectado é o ciberespaço com toda sua potência cultural, sociotécnica e política. O ciberespaço é hoje um simulacro, nos termos de Baudrillard (1991). É o mapa definindo o a geografia do real e não mais somente traduzindo-a em um suporte de papel.

A nós, egressos do mundo real, resta-nos ser tragados pela tempestade dos simulacros existentes em nossa era digital e buscar sobreviver ao mercado, à superexposição, aos crimes cibernéticos, à cultura da obsolescência, à macro e micro políticas do *Big Data*, aos extensos e intensos mecanismos de *surveillance*, à própria inovação e o consumo desenfreado que advém desse processo, sem, contudo, deixar de usufruir e de apreender com tamanho desenvolvimento dos meios informacionais e de seus desdobramentos no campo da vida pública e privada.

3. Aceleração da informação e do ofício do historiador

Sendo assim, a *internet* e sua estrutura em rede propiciaram aos atores sociais diversos, desde que com acesso à respectiva tecnologia, produzirem versões dos fatos, preservarem e comunicarem experiências e lembranças, construírem formas de institucionalização para além das instâncias oficiais tendo como cena o espaço público da *internet*. Para Denis de Moraes,

Os usuários têm a chance de atuar, simultaneamente, como produtores, emissores e receptores, dependendo de lastros culturais e habilidades técnicas. A colagem de interferências individuais põe em circulação ideias e conhecimentos, sem as noções de seleção e estratificação que condicionam os processos midiáticos. (MORAES, 2007, p.1).

Sergio Câmara e Milla Benício (2017) expõem de forma muito clara uma análise sobre o possível “lugar” contra-hegemônico do documento potencializado pelos processos midiáticos aos quais Moraes faz menção. Tanto que sua constatação vai ao encontro de duas afirmações significativas apresentadas por Joanne Garde-Hansen (2011, p.2) para o que assinalamos neste texto: (1) que “tudo” é mediado (LIVINGSTONE, 2008); e que (2) tudo é igualmente mediatizado (LUNDBY, 2009).

Nesse contexto, lembremos bem que a *internet* é uma “meta-tecnologia” utilizada inicialmente com propósitos militares, mas sempre com fins comunicacionais (BRAMAN, 2004, p. 124). Por isso mesmo é que através de seu *modus operandi*, torna possível a

preservação, a circulação e a recuperação de informações para a produção de conhecimento. E com isso, insufla uma cultura mnemônica sem precedentes onde o ato de esquecer e de apagar se confundem tanto em seus propósitos quanto em sua dificuldade de execução. Assim como a escrita da história encontra, pelo excesso de fontes, dados e heteroglossia disponível no vasto campo da *internet*, seu desafio.

Com efeito, nunca produzimos tantos dados e tanta informação em toda a história como produzimos nas últimas duas décadas.

Tabela 1: Produção aproximada de dados na internet a cada segundo por meio de plataformas de comunicação e redes sociais

Produção de dados e acesso à informação	Dia e horário da consulta
7.840 <i>tweets</i> em um segundo	27 de novembro de 2017 às 14:56
63.832 buscas no <i>Google</i> em um segundo	27 de novembro de 2017 às 14:56
71.687 vídeos vistos no <i>youtube</i> em um segundo	27 de novembro de 2017 às 14:56
2.644.043 e-mails enviados em um segundo dos quais 67% <i>spams</i>	27 de novembro de 2017 às 14:56

Fonte: Source: Internet Live Stats. Elaboration of data by International Telecommunication Union (ITU), World Bank, and United Nations Population Division. Disponível em: <<http://www.internetlivestats.com/>>. Acesso 27 nov. 2017.

Na era do *Big Data*, o manancial de dados detém um potencial de produção de informações por meio do qual, atualmente, o processamento de todos estes dados tem colocado a questão da informação e sua gestão como alguns dos bens mais essenciais à comunicação, à produção do conhecimento, à identificação e ao controle de pessoas e suas respectivas atividades no espaço público, apesar de não se restringir apenas a ele. E isto pode ser um problema pois é nesse cenário outrora já conhecido como de “dilúvio de dados” é que o historiador precisará escolher entre entrevistas, vídeos institucionais e privados, documentos históricos de toda sorte digitalizados, além de outros conteúdos já nascidos digitais como postagens em *blogs* e demais notícias divulgadas e páginas eletrônicas.

Um volume informacional sem precedentes parece estar distante de todos nós apenas por um toque no teclado ou na tela de qualquer *smartphone* desde que este conteúdo seja indexado e organizado para fins de recuperação e acesso. Caso contrário restaria a nós o “mergulho profundo” seja pela arqueologia digital (ROGERS, 2013), seja pela chamada *deepweb* para acessar o inacessível pelos protocolos convencionais. Esta aí mais um empecilho de ordem técnica e por que não curricular, ao qual o historiador não possui meios de ação.

4. Considerações finais

Em grande medida, o que está em jogo é compreender que entre o manuscrito, o impresso e o eletrônico, a história da escrita e a história da informação, juntamente com as ações humanas, em seus contextos sociopolíticos e culturais, são marcadas pelo desafio de desenvolvimento de novas formas de atuar em face do surgimento de novos suportes informacionais e de novos canais de comunicação. Ou seja, como escolher o que é armazenado e como ponderar sobre sua gestão são questionamentos cada vez mais pertinentes ao historiador digital. E urgentes dado o volume, velocidade e variedade da informação no contexto digital. Pois a ineficácia em responder tal demanda nos levaria a uma consequente distopia.

A clássica afirmação de Michel de Certeau procede ainda hoje: “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”. (CEARTEAU, 1982, p. 81). Sua atualidade nos convida a refletir sobre o que está a se produzir quando ao invés do historiador, um conjunto de algoritmos realizam as ações de “separar”, “reunir”, “transformar” em “documentos” objetos ou registros, dados ou informações de uma forma diferente àquela inicialmente posta em seu lugar de produção original.

Assim como colocamos no início deste texto, cabe retornar ao problema inicial. Quem desempenha o papel do “peixeiro” retratado por Carr? O historiador em seu escritório ou as grandes empresas criativas e corporações sediadas no Vale do Silício? No espaço informacional da web caberá a nós produzirmos meios capazes de “mineirar” e coletar os dados antes que sejam em grande medida substituídos pela mensagem *404 error* em nosso browser. Ao historiador caberá redesenhar esta relação uma vez que as novas tecnologias de informação e comunicação estão a redefinir nossa relação com as formas de registro, de documento e nossa própria cultura mnêmica. A ele espera-se o desenvolvimento de competências de curadoria digital em tempo hábil para que o protagonismo da escrita da história, dos relatos e das ações em prol do conhecimento sobre o passado não seja completamente pulverizado entre atores sociais distintos e canais infor-comunicacionais em ambiente digital cujo comprometimento com o relato histórico seja duvidoso. Resta-nos construir os recursos heurísticos e metodológicos para este novo cenário.

5. Referências:

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: relógio d'água, 1991.
- BRAMAN, Sandra. Technology. In John Downing, et al. (Eds.) *Handbook of media studies*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.
- CÂMARA, Sérgio; BENICIO, Milla. História Digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 38-56, ago. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3596>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- CARR, Edward H. **Que é História?** 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- GARDE-HANSEN, Joanne. **Media and Memory**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.
- GLEICK, James. **The information: a history, a theory, a flood**. New York: Pantheon books, 2011.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O papel do conhecimento e da informação nas formações políticas ocidentais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 157-167, jul./dez. 1987. Disponível em: Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/259> . Acesso em: 21 jan. 2008.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p.43-60, 2012. Disponível em: http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf . Acesso em: 03 nov.. 2017.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; CHICANEL, M. As mudanças de regimes de informação e as variações tecnológicas. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2008.
- GULLI, Antonio; Signorini, Alessio. The indexable web is more than 11.5 billion pages. **Special interest tracks and posters of the 14th international conference on World Wide Web (WWW '05)**. ACM, New York: 2005. pp. 902-903. Disponível em . Acesso em 12 dezembro 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.

- LIPOVESTKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. Barueri, SP: Manole, 2016.
- LIU, Allan. **The Laws of Cool: Knowledge Work and the Culture of Information**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2004.
- LIVINGSTONE, Sonia. On the mediation of everything: ICA presidential address 2008. **Journal of communication**, 59 (1). 2009. pp. 1-18. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/21420/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- LOJKINE, J. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 1995.
- LUNDBY, Knut.(ed.)**Mediatization: concept, changes, consequences**. Oxford: Peter Lang, 2009.
- PIMENTA, Ricardo M. O futuro do passado: desafios entre a informação e a memória na sociedade digital. In: ALBAGLI, S. (org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013a. p. 146-171. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>>. Acesso em 17 nov. 2017.
- PIMENTA, Ricardo M. Big data e controle na era digital: tecnogênese de uma memória a serviço do mercado e do estado. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p. 1-19, jul./dez. 2013b. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/117/159>>. Acesso 27 nov. 2017.
- PIMENTA, Ricardo Medeiros. As rugosidades do Ciberespaco: um contributo teórico aos estudos dos web espaços informacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.26, n.2, p. 77-90, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/28116/16202>>. Acesso em 20 nov. 2017.
- POE, Edgar Allan. A descent into the Maelström. **Graham's Magazine**, v. 18, no. 5, mai. 1841, pp. 235-241. Disponível em <<http://www.eapoe.org/works/tales/maelsa.htm>>. Acesso em 04 jan. 2017.
- ROGERS, Richard. **Digital Methods**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2013
- TANAKA, Stefan. Reconceiving pasts in a digital age. **Historein**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 21-29, july 2016. Disponível em: <<https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historein/article/view/8892/10480>>. Acesso: 28 nov. 2017.
- VAIDHYANATHAN, Siva. **A Googlelização de Tudo (e por que devemos nos preocupar)** : a ameaça do controle total da informação por meio da maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix, 2011.

VOLLI, Ugo. **Manual de semiótica**. São Paulo: Loyola, 2012.

Ricardo M. Pimenta: É pesquisador 2 do CNPq (bolsa de produtividade) e Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2018- 2020). Pesquisador Associado do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ). Historiador graduado (2003) pela Universidade Gama Filho - UGF com pós-graduação em História do Brasil (2005) pela Universidade Cândido Mendes - UCAM. Possui mestrado em Memória Social e Documento (2006) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, e doutorado em Memória Social (2010) pela mesma instituição, com estágio doutoral (2007 - 2008) na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS de Paris.

Artigo recebido para publicação em: novembro de 2017

Artigo aprovado para publicação em: dezembro de 2017

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Nosso futuro em um *post*. cultura da velocidade, *big data* e a novo desafio dos “peixes” para os historiadores da era digital. **Revista Transversos. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”**. Rio de Janeiro, nº. 11, pp.09-22, Ano 04. dez. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31510

